

MÃES SOLOS E TURISMO: PERCEPÇÕES SOBRE HOSPITALIDADE NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

Leda dos Santos Carreiro¹

Elizabeth Sayuri Kushano²

Resumo: A experiência de mães solas viajantes, em meios de hospedagem, pode indicar como elas são vistas no turismo, no que diz respeito, especialmente, a questões de hospitalidade. O objetivo deste trabalho consistiu em compreender como os estabelecimentos de hospedagem recebem essas mulheres que viajam com seus filhos, analisando se há barreiras enfrentadas e possíveis caminhos de transformação, a partir do olhar das próprias mães. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória e qualitativa, com a aplicação de um questionário online, respondido por mães solas que já vivenciaram experiências turísticas. Os resultados revelaram que parte delas enfrentam desafios como ausência de infraestrutura e serviços adequados, desinformação, julgamento social e falta de acolhimento nos serviços oferecidos. Apesar disso, algumas apontaram experiências positivas, especialmente em pequenos empreendimentos sensíveis à diversidade familiar. Conclui-se que há uma invisibilidade desse público no setor de hospedagem, o que compromete o acesso pleno ao turismo. As implicações práticas do estudo incluem a necessidade de repensar a humanização nos meios de hospedagem, investindo em capacitações, melhorias estruturais e políticas de inclusão que reconheçam diferentes arranjos familiares. A pesquisa contribuiu para trazer à tona um grupo pouco visibilizado no turismo, destacando o papel fundamental dos meios de hospedagem na promoção de uma hospitalidade mais justa, empática e acessível.

Palavras-chave: Maternidade; filhos; hotelaria; inclusão.

INTRODUÇÃO

O turismo é reflexo da sociedade. Dinâmica, heterogênea e complexa, a sociedade possui nuances que o turismo procura acompanhar, haja vista que o turismo é a movimentação social com trocas culturais que se intensificou e ganhou notoriedade em diversos cenários na sociedade, ainda, com o aumento do fluxo turístico, houve uma expansão de seus consumidores que antes se restringia a elite.

As destinações precisam estar constantemente configuradas com as alterações sociais em sua estrutura antes pré-definida para garantir a qualidade e acolhimento na oferta turística, pois diferentemente de outros produtos ou serviços os seus consumidores precisam se deslocar para aproveitar da sua compra (Beni, 1998; Holloway, 2016).

¹ Graduanda de Tecnologia em Gestão de Turismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: ledacarreiro@ufpr.br

² Doutorado em Geografia (UFPR). Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: sayuri@ufpr.br

A sociedade é composta por várias estruturas familiares, que no passado só deveriam ser construídas e aceitas pelos seus integrantes, através do casamento entre homem e mulher (Câmara; Almeida, 2021). No entanto, essa concepção mudou, dando espaço as novas e diversas conjecturas familiares, que surgem na sociedade atual e que refletem a pluralidade, apesar da resistência baseada em pré-conceitos religiosos, machistas e tradicionais.

Não obstante, uma dessas construções familiares que tem ganhado espaço na sociedade é a mãe solo, pois de acordo com uma pesquisa realizada em 2022 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número de mães solas em 2012 eram de 9,6 milhões e passou para 11,3 milhões que mostra um crescimento de 17,8% (Araujo et al., 2023). Nesse interim surge a discussão das nomenclaturas que outrora categoriza como mãe solteira, entretanto errônea, já que essa denominação é de cunho civil e não relevante, pois solteira pode incluir viúva, em um relacionamento ou divorciada e quando usa-se o termo solo caracteriza uma mãe que realiza toda ou maior parte da criação, cuidado e educação sozinha dos seus filhos (Câmara; Almeida, 2021).

Nesse contexto, a mãe solo viajante é uma classe consumidora emergente no turismo, devido às transformações sociais, que encontra certas dificuldades em realizar uma atividade turística para o lazer com os filhos, apesar do setor adotar algumas práticas e melhorar quanto a sua estrutura, essas mudanças devem ser aprimoradas para não ser o motivo de exclusão dessas mães nas destinações turísticas (Nexus; Ministério do Turismo, 2024). Por isso, trabalhar na inclusão desse público é fundamental e decisivo para que o destino, atrativos ou equipamentos turísticos estejam nas opções de escolha das mães solas, garantindo seu direito ao lazer, de forma que até a ida ao banheiro seja acessível ao ter trocadores para crianças (Mario et al., 2020).

Nesta pesquisa, o objeto de estudo são as mães solas e suas experiências nos meios de hospedagem, com a intenção de analisar a relação entre essas mulheres, seus filhos e os serviços ofertados pelo setor. A investigação propõe identificar a existência ou ausência de práticas de acolhimento voltadas a esse perfil de público, bem como listar os principais desafios enfrentados, tanto em termos de estrutura quanto nas dinâmicas de interação com os profissionais e demais hóspedes.

Busca-se ainda compreender as estratégias adotadas pelas mães e/ou pelos estabelecimentos para mitigar tais dificuldades, com o objetivo de contribuir para a construção de uma hospitalidade mais inclusiva, sensível às especificidades desse grupo e alinhada aos princípios do direito ao lazer e ao acolhimento no turismo.

2 MONOPARENTALIDADE FEMININA & MEIOS DE HOSPEDAGEM

A mulher, desde os primórdios da sociedade, é encarada como o gênero inferior. Tornar-se cidadã e abandonar a objetificação exigiu uma luta de muitos séculos, assim como a conquista do sufrágio, do espaço no mercado de trabalho, de cargos de liderança, entre outros direitos. Para Beauvoir (2009, p. 11-12), “a mulher é o Outro. Desde os tempos mais remotos, a mulher sempre foi definida em relação ao homem e não por si mesma. [...] Essa situação de outro foi reforçada por sistemas simbólicos, religiosos e sociais que consolidaram o papel de inferioridade da mulher na sociedade.”

Ainda hoje, as mulheres enfrentam obstáculos por serem quem são, o que leva ao questionamento: por que lutar e conquistar algo que já lhes é de direito? No entanto, essa continua sendo a realidade de uma sociedade construída sobre arquétipos que, muitas vezes, nega até mesmo o mais básico dos direitos, à vida.

O fato de ser mulher em si é muitas vezes difícil e adicionando criar filhos sozinha na equação, o grau da dificuldade aumenta, pois, essa família monoparental pode enfrentar riscos como a desigualdade, preconceitos e exclusão determinista dos macrossistemas baseados em estereótipos (Costa, 2019). No entanto, estudos realizados com famílias monoparentais femininas brasileiras revelam que muitas vezes, essa situação torna a unidade familiar mais bem sucedida no enfrentamento das circunstâncias desfavoráveis e uma moral estruturada (Yunes; Szymansky, 2001).

Perpassando as questões relacionados ao lazer e ao descanso, o turismo aponta para um cenário como prática social e econômica, como também uma necessidade de política de inclusão, permitindo a participação de todos que queiram visitar os espaços turísticos. Segundo Mazur (2001) o turismo pode ser entendido como um direito social que visa promover uma experiência agradável, através do acolhimento e considerando as especificidades e necessidades das diferentes conjunturas familiares, como as mães solas e seus filhos que enfrentam barreiras.

Os meios de hospedagem desempenham um papel fundamental e assegurar um ambiente seguro, adaptado e acolhedor, para isso o desenvolvimento de práticas e serviços focando nas famílias monoparentais femininas e em suas demandas é essencial para uma experiência satisfatória e garantir sua existência empresarial num mercado em constante transformação (Almeida; Freitas, 2012).

Os meios de hospedagem emergem rudimentarmente com abrigos em determinados pontos aos viajantes, posteriormente surgem as estalagens, um pouco mais de estrutura e serviços e assim foi se desenvolvendo e alcançando mais tecnologias, profissionalismo, hospitalidade, estruturas entre outros. Assim esse setor cresceu dentro turismo tomando grandes proporções, já que o “onde ficar” é primordial para um turista escolher a destinação ou muitas vezes ele pode ser o motivo da visitação (Almeida; Freitas, 2012). E, de fato, na

contemporaneidade, inúmeros meios de hospedagem, configuram como a atração principal de uma viagem, podendo ser considerados, entre os componentes da oferta turística, como um equipamento e serviço turístico, como também, como atrativo turístico.

As experiências compartilhadas por mães solo viajantes em plataformas digitais evidenciam a importância de escolher hospedagens que atendam às necessidades específicas das famílias monoparentais. Autoras como as do *Family Trip Magazine* (2023) e *Viajar com Crianças* (2024), ressaltam que locais considerados *family friendly* — com estrutura para crianças, como berços, cozinhas equipadas, áreas de lazer seguras e equipe acolhedora — são cruciais para o bem-estar durante a viagem. Além disso, a autora do blog *Uma Sul-Americana* (2022) destaca que, ao viajar sozinha com o filho, opta por hospedagens que oferecem maior autonomia e conforto, como apartamentos pelo Airbnb ou hostels com quartos privativos.

Rodríguez et al (2023) ressaltam a importância da vantagem competitiva, que diz respeito a forma de gestão. Nesse sentido, como garantir o destaque num mercado cada vez mais disputado? E, uma resposta está em captar a “voz” do consumidor, entender seus desejos e transformar numa oportunidade de inovar, melhorar e oferecer um serviço diferenciado da concorrência. Segundo Almeida e Freitas (2012) estudos devem ser realizados para melhor compreensão de quem são esses consumidores, a exemplo das mães solas viajantes com seus filhos que é um perfil emergente no turismo.

Ao integrar práticas para o acolhimento e uma postura socialmente comprometida, reconhecendo os diferentes perfis de consumidores e suas especificidades, como é o caso das famílias monoparentais femininas viajantes, o setor hoteleiro pode contribuir para a compreensão desse perfil. A promoção de um turismo hospitaleiro, que abarque políticas públicas efetivas, a profissionalização voltada à pluralidade na sociedade e serviços adaptados às múltiplas conjecturas familiares, configura-se não apenas como uma estratégia de inovação e competitividade, mas como uma postura ética. Assim, é importante os meios de hospedagem, um dos pilares básicos do turismo, se adequarem aos novos perfis de consumidores, buscando desempenho em sua forma de gestão, como também responsabilidade social.

O turismo é uma prática cultural que deve acolher e não segregar ou excluir, ele é “para todos” como afirma Kushano (2023, p.67), logo medidas cabíveis devem ser assimiladas para que se torne um espaço de integração e aceitação cultural adequado para todos, inclusive para as mulheres que, historicamente, já lutaram muito pela conquista de espaços, desse modo o turismo não deve permitir que isso se torne mais uma.

A hospitalidade é um fator importante para os meios de hospedagem que precisam tornar a recepção do hóspede acolhedora. Eles também possuem um papel fundamental por serem um dos primeiros contatos com a cultura local junto aos turistas. Além disso, a relação não se limita

entre anfitrião-hóspede, mas incluiu também relação hóspede-hóspede, assim caracterizando uma organização integrada (Lashley, 2009).

Para Souza (2010), a hospitalidade comercial envolve vários agentes na sua relação, como anfitrião, funcionários e visitantes, dessa maneira a comunicação entre eles não é o suficiente, cada um faz parte de uma ação social que exige a empatia, paciência e compreensão de um ser cultural diferente. A humanização dessa relação comercial deve perpassar a ideia de que o único objetivo da organização seja o lucro, ou seja, uma relação mais humana, com o objetivo de minimizar as práticas predatórias do mercado.

Para garantir a sobrevivência num mercado competitivo as organizações entenderam que precisam focar nas relações e no que elas implicam, pois necessita mais que funcionários capacitados. Envolve o desenvolvimento de uma cultura interna que humanize suas relações comerciais e compreenda que seus consumidores estão sujeitos às transformações sociais e que possuem suas especificidades que precisam ser respeitadas e entendidas (Souza, 2010).

A hospedagem, desde sua estrutura física, quanto seus serviços, precisa transmitir a ideia do acolhimento para mães e filhos. Essa perspectiva está alinhada com Kushano (2023, p. 73-74), quando menciona que “o turismo para todos significa o planejamento e a gestão de produtos e serviços turísticos para toda a população humana, com necessidades permanentes ou temporárias”. Logo a maneira como é oferecido o serviço, pode gerar o sentimento de conforto ou exclusão naquele ambiente, assim estimulando ou desestimulando o hóspede para mais incursões turísticas.

2.1 TURISMO NA INFÂNCIA

Ao se falar sobre mães, certamente, importa mencionar os filhos. Quando esses estão na fase da infância, caracteriza-se um indivíduo até os 12 anos de idade, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

As socializações ocorrem na infância e perpassam toda a sua vida, desde que o indivíduo continue interagindo socialmente e não se isole da sociedade, esse processo é muito importante principalmente, já que podem influenciar toda a formação do ser, ou seja, modo de pensar e agir (Oliveira *et al*, 2017). As socializações são experiências que podem ter dois impactos, os positivos, quais são aceitos sem muita aversão e os negativos, que causam o choque e questionamento. O turismo como fenômeno social pode contribuir para a formação de um ser social tolerante, pois ele entende que existe outras bases familiares e realidades diferentes da sua, ou seja, outras culturas que permite a construção de uma pessoa humana que respeita as diferenças.

Para Vigotski (2010) a criança não é uma versão pequena de um adulto, pois ela possui suas próprias características, pensamentos e singularidades. Nesse contexto, entra o desenvolvimento humano que pode ser estimulado principalmente pela diversidade na interação social na infância, o turismo entra como um agente fundamental que garante esse encontro de diferentes saberes e fazeres (Rabello; Passos, [s.d]).

Tabela 01: Desenvolvimento infantil na psicologia e turismo

Perspectiva	Teóricos Principais	Visão sobre o desenvolvimento	Aplicação no Turismo na infância
Ambientalista	Skinner, Watson	Aprendizado através do ambiente por imitação ou repetição	Experiências turísticas podem moldar comportamentos por meio da observação e da repetição, como no turismo educativo e em recreações culturais que reforcem tolerância, respeito e cooperação.
Inatista	Chomsky	Baseado na estrutura biológica inata	O turismo pode atuar como gatilho para despertar predisposições naturais, como a curiosidade a busca por novidade ou por exploração, em ambientes ricos em estímulos
Construcionista	Piaget	Interação entre biológico e o meio	Visitantes constroem conhecimento por meio da interação com diferentes culturas e contextos, aprendendo ativamente durante a experiência turística e ainda desenvolvendo capacidades como cognitiva e motora
Sociointeracionista	Vigotski	Interação social e cultural	O turismo facilita a mediação cultural e o aprendizado social — como em viagens em família, turismo pedagógico, comunitário ou colaborativo.
Evolucionista	Fodor	Troca entre genética e experiências individuais moldam o ser	O contato com diferentes ambientes e desafios turísticos pode potencializar habilidades adaptativas e sociais únicas a cada criança.
Psicanalítica	Freud, Klein, Winnicott e Erikson	Ocorre pela influência do consciente, inconsciente e conflitos internos	O turismo pode funcionar como espaço para criar vínculo afetivo, acolhimento emocional e superação de medos,

			contribuindo para a saúde psíquica da criança.
--	--	--	--

Fonte: Adaptado dos autores Rabello e Passos ([s.d])

A tabela anteriormente mencionada demonstra uma análise da perspectiva da psicologia do desenvolvimento infantil, acrescido ao turismo que em qualquer dessas teorias revelam aspectos positivos que estimulam a formação das crianças que experienciam a prática turística. Não obstante, o entrelace com os meios de hospedagem se dá pelo fato que esse espaço deixa de ser apenas um local para dormir ou comer, ganha uma ressignificação no contexto turístico, pois torna-se um ambiente com indivíduos de múltiplos grupos sociais, que estimula a socialização e desenvolvimento infantil (Rabello; Passos, [s.d]).

Conforme Kushano (2023), analisando pelo viés da Geografia e da Sociologia da Infância, entende-se que as crianças são indivíduos históricos, socioculturais e geográficos, além disso a maneira como percebem os espaços turísticos demonstram percepções diferentes, as quais passam despercebidas pelos adultos. A referida autora (2023) destaca ainda que o brincar, o lúdico e a experiência direta com a natureza e o meio social são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, pois é um canal de estímulo à imaginação, à criatividade e à formação cultural infantil.

O turismo voltado para o público infantil precisa tornar-se uma interação significativa que desperte os sentidos, portanto a compreensão dessa prática não deve ser apenas encarada como lazer, mas também educativa e sensível às necessidades específicas das crianças que emergem das diferentes configurações familiares. Um objeto de estudo interessante para o planejamento turístico é o cotidiano das crianças como ponto de partida para contribuir com vivências significativas, que respeitem o tempo da infância e favoreçam sua expressão subjetiva e cultural, evidenciando o potencial do turismo para tal papel (Kushano, 2023).

METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada foi a pesquisa exploratória e qualitativa. Conforme Gil (2008), a pesquisa exploratória, têm como objetivo principal, apresentar, explicar e alterar conceitos e ideias, considerando, a elaboração de problemas específicos ou hipóteses pesquisáveis para investigação posterior. Além disso, esse tipo de pesquisa tem o caráter de possuir menos rigidez no seu planejamento.

A classificação quanto à abordagem se deu por meio de uma pesquisa qualitativa que se baseia na análise e descreve o fenômeno em sua forma complexa, não sendo baseada em

quantificação. Tendo como um de seus objetivos proporcionar maior familiaridade com o tema, buscando torná-lo mais explícito e claro ou a constituir hipóteses. (GIL, 2008).

O objetivo foi o de compreender a relação das famílias monoparentais femininas com os meios de hospedagem, ou seja, compreender como os estabelecimentos de hospedagem recebem as mães solas que viajam com seus filhos, analisando se há barreiras enfrentadas e possíveis caminhos de transformação, a partir do olhar das próprias mães. O corpus documental foi formado a partir de um questionário on-line, elaborado pela plataforma Google Forms, com 20 perguntas sobre os meios de hospedagem experienciados pelas mães solas viajantes com seus filhos, assim, caracterizando as percepções dessas mulheres sobre a infraestrutura, acolhimento, segurança e bem-estar nesses espaços.

A pesquisa, que ocorreu entre os dias 10 a 30 de abril de 2025, recebeu 8 respondentes, compostas por mães solas participantes de dois grupos de WhatsApp, nos quais foram divulgado o questionário. O primeiro grupo formado por mães discentes que compartilham um espaço destinados aos seus filhos na Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor Litoral e o segundo grupo constituído por discentes mães solas do curso tecnólogo Gestão de Turismo da UFPR Setor Litoral.

Para a análise dos dados, buscou-se interpretar os sentidos atribuídos pelas mães às suas experiências nos meios de hospedagem. Essa combinação de procedimentos visa compreender as dimensões subjetivas e objetivas da vivência turística de mães solo com seus filhos, destacando as barreiras, estratégias e percepções construídas nesse processo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira questão dizia respeito à identificação (facultativa) das participantes, somente para dados internos da pesquisa, para saber de quais grupos pertenciam.

A pergunta número 2, revelou que todas as mães respondentes são solas, ou seja, são exclusivamente responsáveis pelas criações e educação dos filhos, além disso no grupo de mães discentes houve a manifestação de duas mães solas que demonstraram interesse em viajar com seus filhos, no entanto, as barreiras que se apresentam são dificuldade financeira, falta de mobilidade para se locomover na área e o medo que as aflige, por estarem num ambiente desconhecido.

Já pergunta número 3, envolveu a quantidade de filhos das famílias monoparentais femininas. As respostas apontaram que mais da metade das mães possui somente um filho. Esse dado é compreensível, já que elas costumam assumir toda a responsabilidade por esse filho. Em viagens, por exemplo, a mãe exerce todos os papéis, assim acumulando as funções que cresce com o número de filhos e idade, no qual os cuidados são maiores. Para Sarti (2010)

ser mãe solo implica uma série de questões, como organização, planejamento, rede de apoio, gestão de tempo e financeira entre outros, esses aspectos se tornam ainda sensíveis quando se trata do descolamento para outro espaço que não seja o habitual.

Seguindo para pergunta de número 4, que buscou evidenciar a idade dessas crianças durante as viagens realizadas com as mães, as respostas indicam uma variedade nas faixas etárias, que iniciam com 7 meses de idade até 16 anos, como destaca Sarmiento (2005), é importante reconhecer a pluralidade na infância valorizando suas necessidades. Esse dado aponta que o perfil ou faixa etária não é restrito, pelo contrário ele é diverso, assim abarcando diferentes fases no desenvolvimento infantil, pois as suas especificidades são distintas, logo exigindo maior adaptação nos meios de hospedagem que necessitam mais flexibilidade para oferecer um serviço de qualidade para as diferentes demandas.

A pergunta de número 5, diz respeito aos lugares visitados pelas mães solas e seus filhos, apesar das limitações desse público, as respostas apontaram que a variedades de cidades e estados evidenciam os esforços feitos pelas mães em garantir o direito ao acesso a novos espaços culturais a seus filhos, como também revela que nem todas as viagens foram de iniciativa individual, há relatos de viagens junto a universidade e com grupos. Como sugere Bosi (2003), a prática turística vai além da visão econômica, ela reflete o acesso à cultura e é extremamente importante para grupos historicamente invisibilizados.

Para Rocha *et al* (2022), as experiências turísticas vivenciadas na infância são marcantes, de tal forma que as crianças lembram delas quando adultos, para além disso ela podem até mesmo influenciar o modo de agir e pensar dessas crianças. Nesse interim, a pergunta de número 6 trouxe a principal motivação das mães solas em viajar com seus filhos, em resposta à pergunta surgiu o turismo como forma de aprendizagem, lazer, diversão e uma maneira para fortalecer os vínculos e criar boas memórias.

Como foi dito por Sarti (2010), uma das questões de responsabilidade da mãe solo era a organização, no caso a da viagem, tema da pergunta de número 7, as respostas apontaram que seis das oito mães organizaram sua própria viagem sem recorrer a agências, já que o financeiro muitas vezes pode ser limitado, assim inviabilizando o acesso a elas, tanto como as comuns quanto as especializadas. Duas mães selecionaram a opção “outro”, já explorando essa resposta na questão 8, obtêm-se as viagens organizadas pela universidade. Esse resultado aponta que as mulheres estão assumindo uma posição de autonomia, que surge não apenas como opção, mas como necessidade de uma realidade latente das famílias monoparentais femininas.

Com o crescimento das tipologias nos meios de hospedagem é possível oferecer uma gama diversificada de opções, na pergunta e número 9, obteve a resposta que três das mães selecionaram “outro”, explorando essa opção selecionada revela que elas optaram por

hospedagem não convencionais como campings e motorhomes que são caracterizados pela flexibilidade, pelo custo reduzido e pela maior autonomia no planejamento da estadia. Seguindo temos duas mães que selecionaram a opção Pousadas e Casa de amigos/familiares e por fim uma mãe selecionou *Airbnb*, opções mais viáveis e econômicas.

A opção hostel não foi escolhida principalmente pelo seu caráter público ser os mochileiros e hotel também não foi selecionada mesmo as mães solos viajantes de blogs especializados mostrando que esse meio de hospedagem tem mais preparo para receber famílias.

A questão número 10, perguntou sobre quem escolheu o meio de hospedagem, que confirma a autonomia das mães solo viajantes, já que são elas em maioria que organizam sua viagem, são elas também que escolheram a hospedagem a pergunta mostra que sete mães selecionaram a opção “eu mesma”. Assim como as mães de blogs especializados, que dão também dicas para melhor a filtragem e escolher a hospedagem adequada as necessidades dessa mãe, que acontece depois de muita pesquisa, já que precisam estar próximas a hospitais, farmácias, conveniências e ao centro da cidade.

A pergunta 11, com o seguinte enunciado, qual é o preparo dos meios de hospedagem para receber crianças, a resposta foi que quatro mães estão parcialmente preparadas, depois três mães dizem que sim e uma mãe diz não. Isto mostra que apesar de básica, existe uma estrutura para receber essas crianças, assim mais investimento no quesito físico e humano devem ser realizados para alcançar um nível alto em satisfação das mães solos e seus filhos. Para Lashey (2008) um ato de hospitalidade consiste em entender seu hóspede com sensibilidade e garantir que suas demandas sejam atendidas de maneira que o conforto e satisfação sejam uma consequência do serviço de qualidade.

A pergunta de número 12, que dizia “Você sentiu acolhimento por parte dos funcionários e hóspedes?”, trouxe um cenário muito importante, pois reflete a percepção das mães em relação aos funcionários e hóspedes dos estabelecimentos de hospedagem. As respostas evidenciam que apesar de positivas, já que cinco mães responderam que sentiram o acolhimento por ambas as partes, também houve casos de mães dizendo que o receptivo a respeito aos seus filhos fora negativo, até mesmo hostil, já que uma mãe mencionou que “alguns funcionários foram antipáticos com as crianças, não gostavam de crianças”. Também foi mencionado a falta de estrutura para essas mães, como uma copa ou espaço infantil, “Seria bom que os meios de hospedagem tivessem espaços dedicados as crianças por mais simples que fossem, como uma mesinha com papeis e lápis coloridos”

Nesse contexto as abordagens trazidas por Souza (2010), remete justamente a situação acima, pois o autor explicita a necessidade da relação hóspede-funcionário serem regadas por boas práticas que se iniciam com a cultura comercial implantada no meio de hospedagem.

A pergunta de número 13, trouxe sugestões das mães solas de como os meios de hospedagem podem melhorar seus serviços e a forma de acolhimento, isso reflete na questão anterior, pois explana o que poderia ser feito. Foram sugeridas adequações para crianças, como trocadores nos banheiros, área infantil e uma copa, por seguinte a oferta de serviços como *baby-sitter*; atividades recreativas e passeios turísticos destinados as crianças.

Esse resultado está em consonância com os achados de Kushano (2023), que destacou as categorias de produtos e serviços turísticos para o público infantil, enfatizando também, a importância de comunicação dirigida, preços e promoções para as famílias com crianças, especialmente em meios de hospedagem.

As sugestões apresentadas pelas mães solo na pergunta de número 13 é a resposta para pergunta seguinte (14), ela questiona a percepção das mães referentes ao espaço físico e se estavam adaptados para crianças, as respostas evidenciam as falhas na estrutura e nos serviços oferecidos a elas e seus filhos, revelam boas práticas que os meios de hospedagem podem adotar para tornar-se um espaço mais inclusivo e sensível às configurações familiares diversas. As participantes destacaram a importância de estrutura básica e serviços que auxiliam na adaptação nesses ambientes destinados ao acolhimento das crianças, assim garantindo a dignidade, segurança e conforto.

Algumas mães apontaram que, diante da falta no acolhimento em estabelecimentos comerciais, optaram por se hospedar na casa de familiares. Como destaca Trigo (2015), a hospitalidade ética no turismo exige o reconhecimento do outro em sua singularidade, especialmente quando esse outro rompe com a norma tradicional, como é o caso das famílias monoparentais.

Ademais, duas respondentes, citaram soluções improvisadas, como hospedagem em kitnets sem estrutura infantil ou locais que, mesmo com boas intenções, não estavam preparados para acolher mães e crianças. Tais respostas podem indicar a carência de políticas de acessibilidade e inclusão nos serviços de hospedagem, especialmente no que se refere ao cuidado infantil.

A pergunta de número 15, que abordava os serviços e aspectos físicos destinados às crianças nos meios de hospedagem, evidenciou uma oferta limitada desses recursos. Itens básicos como berço ou cama infantil e cadeira alta para alimentação nos restaurantes foram os mais citados, aparecendo em apenas três respostas cada. Espaço kids ou brinquedoteca, piscina infantil, recreação e a opção “outro” foram selecionados apenas uma vez cada, enquanto o

serviço de babá não foi citado por nenhuma mãe. Na questão seguinte (nº 16), voltada às mães que marcaram a opção “outro”, duas delas relataram que nenhum dos itens apresentados estava disponível na hospedagem utilizada. Esses dados revelam uma fragilidade na estrutura oferecida as mães com crianças, mesmo em aspectos considerados mínimos para garantir conforto, o que reforça a importância de repensar a hospitalidade e acessibilidade dos empreendimentos turísticos para mães solas e seus filhos.

A segurança é um quesito muito importante principalmente para quem tem filhos e esse foi o tema da pergunta 17, que questionou sobre o sentimento e segurança durante a estadia, por isso para se deslocar do próprio lar para uma hospedagem ela precisa estar presente, para não dar espaço ao medo ou incertezas. Apesar dos resultados mostrarem que pelo menos metade das mães demonstraram se sentirem seguras, a outra parcela demonstrou insegurança parcial e total, ou seja, esses dados apontam para uma necessidade em que os meios de hospedagem precisam aprimorar, adotando algumas medidas de proteção para essas famílias monoparentais.

Um ambiente seguro é essencial não era apenas para o bem-estar da criança, mas também para que a mãe possa experimentar o seu momento de lazer com tranquilidade e minimizando o estresse relacionada à sobrecarga de cuidados. Assim como diz Oliveira (2018), a percepção da segurança é um fator determinante na escolha de um destino turístico, principalmente por grupos em situação de vulnerabilidade.

Para Ferreira e Medeiros (2019) a prática do turismo para mães solas representa mais que uma viagem de lazer, ganha mais significado pelo fato de afirmar a autonomia, cuidado afetivo e formação de memórias com os filhos, mesmo diante de barreiras estruturais. Isto é reforçado pelo resultado da pergunta 18, que evidenciou que três das mães viajam 4 vezes ou mais por ano, também três viajam duas vezes e por fim duas viajam uma vez.

Esses resultados indicam que apesar dos desafios enfrentados por mães solas viajantes, desde o planejamento a execução da viagem, muitas delas mantêm uma rotina regular de deslocamentos com os filhos e demonstram um esforço ativos em garantir o direito ao lazer e à mobilidade, mesmo dentro de um contexto de vulnerabilidade ou limitações.

A pergunta 19, consiste em entender se as mães solas conseguiram conciliar o descanso pessoal com os cuidados com os filhos, os resultados foram que quatro mães conseguiram equilibrar, já três conseguiram mais com dificuldades e uma relata a experiência totalmente volta da para os cuidados com os filhos. As respostas mostram que a sobreposição dos papéis da mãe solo dificultam seu acesso ao lazer ou a um momento de descanso, somado a isso a uma estrutura e relação básica no espaço turístico as barreiras para essas mães aumentam significativamente.

Segundo Hirata e Kergoat (2007), a maioria das responsabilidades para se ter um filho fica a cargo da mãe, além disso um agravante é quando a rede de apoio é inexistente, tornando a realização da prática turística dificultosa que em vez de proporcionar um momento também para si, volta-se somente para os filhos, nesse contexto um meio de hospedagem que oferece estrutura e serviços para esse público permite uma vivência individual e materna no turismo.

A pergunta final do questionário proporcionou um espaço de escuta livre às mães solo, revelando não apenas aspectos logísticos das viagens, mas também reflexões subjetivas e críticas sociais. A necessidade de que os meios de hospedagem se atentem à existência e às demandas das mães solo, garantindo estruturas mínimas que permitam o lazer com dignidade.

As respostas evidenciaram sentimento de frustração e invisibilidade, como a que afirma: “Difícil viajar com crianças” e, especialmente, a crítica ao termo “mãe solo”, segundo a participante “Mas se tivesse uma opção não gostaria de ser chamada de mãe solo, um título que quem colocou foram os pais ausentes e abortivos de crianças vivas”, carrega um estigma social não escolhido por ela, e é fruto da ausência paterna. Essa resposta aponta para um desejo de reconhecimento e revalorização da identidade materna.

Também foi destacado o acolhimento na casa de familiares como alternativa segura diante da falta de preparo dos estabelecimentos turísticos. Como argumenta Rago (2003), a experiência do feminino nos espaços públicos é marcada historicamente por silenciamentos. Dar voz a essas mulheres é um passo essencial para repensar políticas de inclusão no turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender as experiências de mães solo que viajam com seus filhos, com foco nos meios de hospedagem utilizados e na forma como esses espaços acolhem (ou não) as necessidades dessa configuração familiar.

Foi possível identificar as motivações dessas viagens, como também os desafios enfrentados, especialmente relacionados à falta de estrutura, segurança e acolhimento nos serviços turísticos.

Os resultados demonstraram que, embora muitas mães encontrem formas de conciliar lazer com os cuidados maternos, ainda há uma lacuna significativa na oferta de hospedagens adaptadas e sensíveis às suas realidades. A carência de espaços infantis, serviços de apoio e ambientes preparados para acolher mães com crianças reforça a necessidade de repensar práticas e políticas de hospitalidade. Ao mesmo tempo, as falas das participantes, “Garantir o lazer e à experiência com novos ambientes e culturas”, “Acredito que a estrada ensina muito a eles”, “Todos meios de hospedagem deveriam se atentar que mães solas também viajam e precisam de estrutura mínima ali para poder desfrutar do lazer”, revelam resistência,

criatividade e desejo por reconhecimento, apontando para um turismo mais inclusivo e empático.

Em termos práticos, a pesquisa contribui para ressaltar a necessidade de que os meios de hospedagem se adaptem para atender de forma mais inclusiva famílias monoparentais, especialmente, mães solas que viajam com filhos. As participantes destacaram a carência de estrutura adequada, como fraldários, áreas infantis e serviços de apoio. Tais demandas, quando não atendidas, podem comprometer o direito ao lazer dessas mulheres e de suas crianças.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para ampliar os estudos sobre turismo familiar, hospitalidade inclusiva e maternidade solo, temas ainda pouco explorados de forma integrada na literatura acadêmica. Ao dar visibilidade a um grupo social historicamente invisibilizado no campo do turismo, esta investigação fortalece a discussão sobre equidade e direito à cidade e ao lazer, e pode contribuir para futuras pesquisas interdisciplinares que articulem turismo, gênero, infância e políticas sociais.

Há muito o que refletir e agir sobre a realidade do grupo pesquisado enquanto sujeitos que têm direito ao turismo, mesmo diante das limitações impostas por barreiras econômicas, estruturais e sociais. Por isso, é fundamental ampliar o olhar para o turismo familiar, considerando a diversidade das experiências maternas e valorizando o direito ao lazer como uma dimensão legítima da cidadania e um turismo socialmente mais humanizado e de fato, hospitaleiro para com todos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Georgia Maria Mangueira de; FREITAS, André Luís Policani. **Meios de hospedagem: a qualidade na visão do cliente**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012.
- ARAÚJO, Augusto Andrade; ROCHA, Caroline Vieira da; FERNANDES, Gabrielly Alves; PINHEIRO, Isis; LIMA, Karen Cristine Vieira de; SILVA, Luis Augusto de Castro; SILVA, Nataly Alice Vieira da. **Mãe solo no mercado e trabalho**. 2023. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Administração) – ETEC Tereza Aparecida Cardoso Nunes de Oliveira, São Paulo, 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2009. v. 1.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- BOSI, Elda. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRASIL. Lei n. 8068, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (ECA). Brasília, DF, 1999. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2025.
- CÂMARA, Marília Sette; ALMEIDA, Maria Clotilde. **De single mother para mãe a solo ou mãe solo na perspectiva da semântica de frames**. *Études Romanes de Brno*, v. 42, n. 1, p. 233–250, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5817/ERB2021-1-13>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- COSTA, Ana Paula Dourado da. **Famílias monoparentais femininas: entre desigualdades e estratégias de sobrevivência**. Universidade Federal da Paraíba, 2019.

- FAMILY TRIP MAGAZINE. **As aventuras de uma mãe que viaja sozinha com o seu filho.** Disponível em: <https://familytripmagazine.com.br/as-aventuras-de-uma-mae-que-viaja-sozinha-com-o-seu-filho/>. Acesso em: 17 abril 2025.
- FERREIRA, Ana Paula; MEDEIROS, Mariana. **Famílias em trânsito: maternidade solo e experiências de mobilidade no turismo.** Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 6, n. 2, p. 143–160, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 679–692, nov. 2002.
- HOLLOWAY, J. Christopher. **Administração de turismo: uma abordagem de marketing.** 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
- KUSHANO, Elizabete Sayuri. **Turismo e infância.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- LASHLEY, Conrad. **Hospitality as a social lens: the value of the social sciences in hospitality studies.** In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org.). *Hospitality: a social lens.* Oxford: Elsevier, 2008.
- RESENDE MARIO, Larissa; MITIE NAGANO, Carolina; CEZAR CUZZIOL, Eloisa; BORGES, Gabrielle. **Turismo e Tendências Contemporâneas: Mulher como viajante solo.** Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 272–288, 2021. DOI: 10.26512/revistacenario.v9i3.35690. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/35690>. Acesso em: 17 abril 2025.
- MAZUR, Cláudia. **Turismo como direito social: uma introdução à sua discussão.** Revista Turismo em Análise, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 43–50, 2001.
- NEXUS; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Metade das mães solo no Brasil nunca viaja a lazer, diante de 37% dos pais.** [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.nexus.fsb.com.br/estudos-divulgados/metade-das-maes-solo-no-brasil-nunca-viaja-a-lazer-diante-de-37-dos-pais/>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- OLIVEIRA, Anna Júlia Braga de; MELO, Gabriela Martins de; SANTOS, Iara Massari de Almeida; ALENCAR, Isabelle Maier de; LOURES, Mariana Lopes de Castro. **As socializações primária e secundária: quando o indivíduo sai da sua microbolha e se torna produto da sociedade.** Revista da Faculdade de Direito das Faculdades Integradas Vianna Júnior, Juiz de Fora, n. 10, p. 33–48, 2019. Disponível em: <https://revista.vianna.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/557>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- OLIVEIRA, Mariana Barreto de. **Turismo, mobilidade e segurança: desafios da hospitalidade em contextos urbanos.** São Paulo: Contexto, 2018.
- RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** Disponível em: <http://www.josesilveira.com>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890–1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- RODRÍGUEZ, Maria Rosario González; FERNÁNDEZ, Maria Carmen Fernández; PAVÓN, Noemí Pulido. **Tourist destination competitiveness: An international approach through the travel and tourism competitiveness index.** Tourism Management Perspectives, v. 47, 2023.
- ROCHA, Mirian Cristina Vidal da; BEZERRA, Franklin Eduardo Oliveira Amaral; FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes; DUARTE, André Luís Faria. **Memórias afetivas da infância e seu impacto na formação do turista.** Revista Eletrônica de Administração e Turismo, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 38–60, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/AT/article/view/21586>. Acesso em: 17 abril 2025
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância.** In: QVORTRUP, Jens et al. (org.). *Sociologia da infância.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- SARTI, Cynthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas: Autores Associados, 2010.

SILVA, Mariana Aparecida da. **Turismo acessível e inclusão: desafios e perspectivas para a hospitalidade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

SOUZA, Claudio Alexandre de. **Responsabilidade Social Empresarial uma forma de praticar Hospitalidade Comercial**. *Revista Hospitalidade*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 65–78, 2010. Disponível em: <https://revhosp.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/291>. Acesso em: 2 maio. 2025.

TRIGO, Luiz. **Hospitalidade: fundamentos e práticas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2015
UMA SUL-AMERICANA. **Viagem com filhos: dicas para mães**. Disponível em: <https://umasulamericana.com/viagem-com-filhos-dicas-para-maes/>. Acesso em: 17 abril 2025.
VIAJAR COM CRIANÇAS. Blog – **Viajar com Crianças**. Disponível em: <https://viajarcomcriancas.com.br/blog/>. Acesso em: 17 abril 2025.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. 2010. **Quarta aula: a questão do meio na pedagogia**. Psicologia USP, São Paulo.

YUNES, Maria Angela Mattar.; SZYMANSKY, Heloísa. **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas**. In: TAVARES, J. (org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13–42.